

MEMÓRIA: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA SOBRE O EMPADÃO GOIANO

Gláucia Thaís da Silva Campos PÉCLAT*

RESUMO

O presente artigo pretende mostrar como as implicações relativas ao empadão goiano, na condição de produto da memória vilaboense, caracterizam-se como expressão do *sistema lugar* (Pietrafesa, 1998). Ademais, visa a uma reflexão teórica que nos possibilita entender como o empadão combina memória e tradição na dimensão passado/presente.

Considerando que a análise a que me proponho fazer neste momento está relacionada ao empadão goiano como produto da memória vilaboense, a questão agora é a seguinte: como foi transmitida e conservada a memória sobre o empadão? Como a comunidade vilaboense, através de gerações, conservou a memória do *saber fazer*? E como essa memória foi inserida na cozinha como uma expressão de saberes e práticas tradicionais? O que nos leva a pensar sobre esta dimensão entre passado e presente além da perspectiva de tradição é a *memória*.

Quando cheguei em campo¹, notei uma construção de memória sobre o empadão relacionada ao *antes* e ao *depois* do título de “Patrimônio da

* Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural pela UCG, professora de História na UnU Cora Coralina da UEG e professora de História no CEAD, da UCG.

¹ A pesquisa consta de três etapas de campo nas seguintes datas: 30/12/2001 a 15/01/2002; 31/03 e 05/06/2002 a 09/06/2002. Ressalta-se que, dentro do conjunto de empadões, estou trabalhando o da Cidade de Goiás.

Humanidade”², concedido a Cidade de Goiás, em novembro de 2001. O *antes* é repassado como algo mais ‘tradicional’ e, o *depois*, como mercadoria. Agora, pergunto: como é transmitida esta memória e como é conservada pelo grupo³, se estamos diante de uma distinção de tempo? A resposta pode ser atribuída ao conjunto de memória inserida ao longo dos anos, repassada a este grupo através de gerações:

A minha avó nasceu em 1889. A minha mãe nasceu em 1904. Eu nasci em 1934. Minha filha nasceu em 1967 e minha neta nasceu agora em 1998. A minha avó fazia empadão, a minha mãe fazia, agora não faz mais, porque está com noventa e oito anos... não dá mais conta. Eu sei fazer, ainda do jeito que mamãe ensinou, mas acho muito demorado, prefiro fazer do jeito mais prático. A minha filha sabe, mas não gosta de fazer não, porque dá trabalho e ela não tem muito tempo. A minha neta come com a gente aqui em casa. A minha avó usava folha de bananeira para separar a massa... Naquela época, a massa era diferente, não tinha esse fermento que a gente usa hoje não!... Minha avó fazia ela crescer de um dia para outro... No tempo da minha mãe a receita era a mesma. A minha receita já é mais comum, não leva leite... só água...poucas horas pode abrir que já tá pronta! É muito simples, mais sei fazer do modo da minha mãe também (S.C., 70 anos, doceira).

Sendo a memória um fenômeno construído, percebe-se, segundo o depoimento que, ao longo de gerações, ocorrem diferentes formas de cons-

² Foi necessário instituir o termo ‘Patrimônio da Humanidade’, neste momento, para estabelecer um referencial do *antes e depois*. Apesar de os dados da pesquisa mostrarem que a mudança/continuidade relativa ao modo de fazer empadão se acentua a partir dos anos 70 no século passado.

³ O termo “grupo” é aqui utilizado num sentido generosamente lato e com alguma flexibilidade de significado, de forma a incluir tanto as pequenas sociedades, em que todos se conhecem, como as sociedades territorialmente extensas, em que a maior parte dos seus membros não se pode conhecer pessoalmente (Connerton, 1999, p.01). Devo lembrar que a Cidade de Goiás vive hoje esta flexibilidade, dado à complexidade alcançada pelo título de Patrimônio da Humanidade.

trução da memória. Podemos chamar essa categoria de memória seletiva. Em vários momentos, Maurice Halbwachs não fala apenas da seletividade da memória, mas também de um processo de “negociação” para conciliar memória seletiva e memórias individuais: “Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum” (apud Pollak, 1989, p.03).

Em particular, quanto à memória seletiva, percebe-se que, “não existe memória desinteressada”, cabe selecionar aquilo que é mais importante. É importante perceber como nós retrabalhamos a memória para que gerações seguintes lembrem dela. No caso do empadão em Goiás, nota-se que os informantes se lembram do modo como fazer empadão de acordo com a sua vivência no tempo e no espaço. A cada geração, a seletividade da memória torna-se algo determinante. “*Antigamente*” ou “*de primeiro*” são referenciais fundamentais para a inferência da noção de tempo; entretanto, ambas podem representar tanto informações distantes como recentes.

Conway (1998) considera que as gerações são transformadas em unidades sociais devido às experiências compartilhadas. Nesse sentido, podemos identificar a geração de um indivíduo através de um exercício de memória e uma boa base para essa identificação são suas datas de nascimento. Uma geração sempre compartilha uma identidade comum, pois compartilham experiências e conhecimentos conceituais, próprios de sua linha do tempo. Na Cidade de Goiás, observa-se que diferentes gerações compartilham um modo distinto de fazer empadão. Mesmo que este processo tenha em si a condicionante tradição, é a partir da memória de cada grupo de idade que se percebe a mudança/continuidade no que se refere ao “modo de fazer” empadão e do que é definido como empadão em si. Um exemplo, relativo à esta categoria apontada pelo autor, é a empada à Patricinha, pois, a esta que a geração mais nova irá se referir quando mais velha, ou seja, é este o modelo de empadão que esta nova geração tem como referência.

Pollak (1992), em seu artigo *Memória e Identidade Social*, conceitua memória como “elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (p.204). Pretende-se assinalar que as narrações sobre o “modo de fazer” o empadão não se encontram no domínio da construção mítica puramente, nem no da história, mas na interseção de ambos. O que se assiste aqui é um caminho da história em direção ao mito através do trabalho da memória (Pietrafesa, 1998).

O empadão, como expressão do *sistema do lugar* (op.cit), simboliza a porção do ambiente vilaboense transformada pelo uso e, sobretudo, preenche de significação social, que indica quem e em que situações pode estar ali inserido dentro de um complexo a que exprime categorias familiares, festas sociais, religiosas, aspectos econômicos e ecológicos. O *sistema do lugar*, visto pelo ponto de vista do empadão, implica a solidariedade, o respeito à honra e hierarquia, mas se refere também a um conjunto de direitos combinados sobre o empadão. É esse o ponto que interessa aqui: a relação entre memória e tradição.

Na relação entre tradição e memória, cabe mostrar que há uma aproximação intrínseca entre os dois elementos. Uma vez que, se tomarmos como exemplo a tradição em si, logo chegamos passo-a-passo à memória. Assim, a memória fundamenta a tradição (Porto, 1997). Entretanto, devo explicar que, embora tradição e memória sejam próximas, não se confundem. Visto que a primeira possui, para a comunidade, uma concretude que a distancia da segunda. Tradição é algo vivo e memória é lembrar do passado. Além disso, memória e tradição são fundamentais para se pensar a identidade de um grupo. Nesse sentido, a memória é reconstruída e inventada para dar sentido às reivindicações de um grupo (Porto, 1997).

Assim sendo, a tradição interfere na memória. Para Porto (1997), essa interferência se dá na medida em que estabelece o que se entende como representando a continuidade com relação ao passado e, ao mesmo tempo, em seus conteúdos e na forma que adota no presente. Segundo a

mesma autora, ambas, contudo, têm uma ligação clara com o passado, e é este o ponto que faz com que a reflexão sobre memória seja capaz de fornecer pistas para lidar com a tradição. Tradição e memória extraem seu sentido do presente e dos interesses da comunidade que as coloca em jogo. Ademais, um fato é preciso: ao lidar com a tradição, lida-se também com a “memória da tradição” (Porto, 1997). Nesse sentido, a presente pesquisa tem por objetivo tratar o empadão não apenas como um produto da atualidade, mas também dos discursos construídos em torno da imagem do produto no passado.

No que se refere à memória em geral, podemos observar que a nossa experiência do presente depende, em grande medida, do nosso conhecimento do passado. Daí a dificuldade de extrair o nosso passado do nosso presente: não só porque os fatores presentes tendem a influenciar, alguns diriam mesmo distorcer, as nossas recordações do passado, mas também porque os fatores passados tendem a influenciar, ou a distorcer, a nossa vivência do presente (Connerton, 1999). Segundo Halbwachs, o que nos faz lembrar é justamente essa aproximação entre um elemento e outro. Não tão somente o autor nos faz refletir também sobre o elo existente entre o indivíduo e o grupo. Cabe aqui melhor esclarecer, pois, se eu me lembro de algo é porque me o fazem lembrar. Portanto, se a lembrança é algo do passado, ela só permanece viva por que está presente na memória de outro alguém. Para Bergson (1990), através da memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, mas também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência (Bergson, 1990).

O depoimento a seguir aponta para a dinâmica passado e presente:

... eu faço o empadão tradicional somente para a família, porque minha avó ensinou para minha mãe e ela repassou o modo certo para as filhas. Hoje, as pessoas fazem empadão somente para vender para os turistas. Claro que tem gente como eu que ainda faz em casa para a família, mas no comércio, o povo faz diferente. Antigamente, a gente procurava seguir a receita da avó, mas o tempo hoje está muito difícil

para todo mundo... todo mundo está correndo e não dá mais tempo de fazer o verdadeiro empadão de Goiás, não! ... A massa era folhada, tinha toda uma preparação antes. Era de véspera!... A família se reunia nos finais de semana para comer empadão. A gente fazia no forno a lenha, tem gente que tinha até forno de barro em casa. Agora, as pessoas fazem forno de gás, porque é mais prático e econômico. Eu mesma raramente faço porque dá muito trabalho. Esses dias minha filha pediu para fazer, fiz só que com uma massa prática que eu mesma inventei... ⁴ (O.L., 47 anos, comerciante)

A narrativa indica a incorporação de elementos novos, modernos na tradição. Para Porto (1997), “mudanças na tradição” são extremamente circunstanciais e entram em jogo de acordo com os interesses particulares das pessoas que as expressam. Assim, por exemplo, quando a narrativa tem em si uma propriedade de mudança/continuidade, isso sugere que o discurso adquire o formato definido pelos interesses pessoais daquele que o elabora.

No que diz respeito à memória social, constatamos que as imagens do passado legitimam geralmente uma ordem social presente. É uma regra implícita pressupor uma memória partilhada entre os participantes em qualquer ordem social. Se as memórias que têm do passado da sociedade divergem, os seus membros não podem partilhar experiências ou opiniões (Connerton, 1999, p.03). O autor ainda completa que embora as diferentes gerações estejam fisicamente presentes, umas perante as outras, num determinado cenário, podem permanecer mental e emocionalmente isoladas, como se as memórias de uma geração estivessem, por assim dizer, irremediavelmente encerradas nos cérebros e nos corpos dos indivíduos dessa geração.

A questão em torno da continuidade do empadão no tempo presente gera, por assim dizer, uma indagação que considero pertinente: por que o

⁴ Grifo meu.

empadão perdeu em parte a sua caracterização familiar e passa a ter, crescentemente, uma expressão comercial? Embora seja uma pergunta complexa e a sua resposta virá mais adiante, pode-se indicar, desde já, algumas pistas para resposta. Nesse sentido, como tratarei o empadão como um dos grandes demarcadores da identidade vilaboense, pressuponho que alguns fatores nos permitem responder a esta questão agora: primeiro, por ser o empadão uma das iguarias típicas do local, é permissível considerar que a cada geração possa, então, incorporar um novo “modo de fazer” sendo, portanto, transformado em atrativo para um grande número de visitantes. Se, por um lado, todo o “modo de fazer” se aproxima, por outro, cada um deles apresenta características peculiares. São incrementados por diferentes modos de *saber fazer* e, por conseguinte, diferentes memórias vinculadas diretamente às gerações que o fazem. Enfim, creio que a certeza que trago neste momento é de que a perda da tradição em relação ao empadão familiar está relacionada ao processo de “adaptações” que cada geração, através do conjunto de memória, tem para si. Assim sendo, a esse conjunto cabe a responsabilidade de dar ou não o sentido de mercadoria.

Esta discussão nos remete à distinção temporal relacionada ao “modo de fazer” empadão. Gerações diferentes convivem no mesmo espaço físico, porém, com concepções “diferentes” sobre o mesmo produto. Entretanto, devo esclarecer que estamos diante de um acordo firmado entre os membros da comunidade local. Acredito que a Cidade de Goiás vive, hoje, o que Pietrafesa chama de “memória mundo”. Segundo a autora, “memória mundo” não se trata de se apreender a si mesmo dentro de um passado pessoal, mas de se situar em uma ordem geral, de estabelecer, em todos os planos, a continuidade entre si e o mundo, ligando sistematicamente a vida presente ao conjunto do tempo (Pietrafesa, 1998).

Para Connerton (1999), toda recordação, por muito pessoal que possa ser, mesmo a de acontecimentos que só nós presenciamos, ou a de pensamentos que ficaram por exprimir, existe em relação com todo um conjunto de idéias que muitos outros possuem: com pessoas, lugares, datas, palavras, formas de linguagem, isto é, com toda vida material e moral das soci-

idades de que fazemos parte, ou das quais fizemos parte. Isto aplica-se, diz Halbwachs (1990), tanto às memórias recentes como às distantes, pois aquilo que une as primeiras não é o fato de serem contíguas no tempo, mas antes o de fazerem parte de um conjunto de pensamentos comuns a um grupo. Para evocar essas memórias é suficiente, mais uma vez, orientarmos a nossa atenção para as recordações que ocupam um lugar principal nos pensamentos do grupo.

* * *

O meu objetivo, agora, é mostrar precisamente as virtuosidades culinárias herdadas pela linguagem da memória. Ao me referir à linguagem da memória quero mostrar, a partir dos dados coletados em campo, como as pessoas se relacionam com a memória no tempo e no espaço. Com respeito ao tempo, notou-se uma busca da lembrança da infância, da juventude, da tarefa de dona de casa.

Quando nos lembramos de uma viagem, mesmo não nos lembrando da data exata, há, entretanto, todo um quadro de dados temporais aos quais essa lembrança está de qualquer maneira relacionada: foi antes ou depois da guerra, eu era criança, jovem, ou homem feito, na pujança da idade; eu estava com tal amigo que era mais ou menos velho; em que estação estávamos; eu preparava tal trabalho; aconteceu tal coisa. É graças a uma série de reflexões desse gênero que, com muita frequência, uma lembrança toma corpo e se completa” (Halbwachs, 1990, p.100).

Como bem retrata o autor, não reconstituímos o quadro temporal da lembrança, a não ser que ela seja restabelecida. Nesse sentido, somos obrigados a localizar a noção de tempo e não tão-somente a data dos acontecimentos, para, a partir de então, examinar em detalhes todas as partes. Tal perspectiva é muito pertinente e condiz com os dados da pesquisa relativa ao empadão goiano.

Bergson (1990) fala que existem duas memórias distintas: a memória-hábito e imagem-lembrança. Ele chama atenção para a conservação do passado e sua atuação, entretanto, não de forma homogênea. Memória-hábito está relacionada ao esforço de atenção e, de maneira continuada: a repetição através de gestos ou palavras. Trata-se de um exercício de fixação que, de forma natural, transforma-se em hábito. Este, por sua vez, faz parte de todo nosso adestramento cultural. Por tal razão, lembrar-se do modo de fazer, comer segundo as regras da etiqueta, é um mecanismo habitual do cotidiano (Bergson, 1990). Do outro lado, encontramos a imagem-lembrança; esta por sua vez, tem data certa, refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia.

Quando uma informante relata que o empadão é um marco da identidade local, ela começa a se lembrar de todo um processo de “memória detalhada” atribuindo a este produto memórias marcantes com percepções físicas. Maria Martins, 52 anos, cozinheira, ao fazer referência ao aniversário da Cidade de Goiás, realizado em 26 de julho de 2001, contou que, naquele momento, foi servido para a população vilaboense um “empadão gigante” com um metro de diâmetro e 600 quilos. Segundo o seu depoimento, naquele dia ensolarado, a comunidade, se reunira para receber o então governador do Estado, Marconi Perillo. O tumulto, tensão da espera, o calor não foram motivos de desistência; todos esperavam, com afinco, pelo festejó. A fila que se formara, em função de poder ali receber um pedaço do empadão, era enorme.

Gente de todas as classes. Veio a televisão. Esse empadão foi a maior dificuldade do mundo! Gastei vinte sacos de carvão. Juntou seis homens e não tirou ele do lugar. Era para colocá-lo em cima do caminhão, mas não teve jeito. Ele foi fotografado embaixo mesmo. O povo estava aflito, porque queriam comer... cheirava demais!! (M.M.52 anos, cozinheira).

A “memória detalhada” está relacionada, como mencionado, às percepções físicas. Assim, o momento de espera, o cheiro do empadão, a impossibilidade para retirá-lo do lugar foram momentos marcantes que ficaram retidos na memória da informante em especial. Atribui-se à “memória detalhada” aquilo que marcou o indivíduo e quando se sente em uma situação que o aproxima aquele acontecimento do passado, ele sente as mesmas sensações físicas relativas ao que ficou guardado na sua memória.

Como afirma Conway (1998), a memória detalhada significa a forma de:

expresar la idea de ciertos tipos de memorias vividas que preservan el conocimiento de un evento de una manera casi indiscriminada, más bien, como una fotografía preserva todos los detalles de una escena. Las memorias destello son inusuales en el sentido de que retienen detalles que no están a menudo presentes en recuerdos de actividades diarias, son diferentes porque tienen lo que Brown y Kulik (1977) llamaron calidad ‘primaria’ o ‘viva’...Obviamente la mayoría de las memorias destello son sobre eventos que tienen una alta importancia personal para un individuo específico. Y, por consiguiente, los eventos reales codificados en la memoria a largo plazo varían de un individuo a otro (Conway, 1998, p.69).

O “empadão gigante”, como um produto memorial, é um exemplo típico da memória detalhada que assume neste momento a caracterização de suporte físico da memória local. A população vilaboense e, em especial a informante, retiveram este quadro da memória *destello* por se tratar de um evento importante. O empadão do “governador” passou, assim, a ser entendido tanto como uma representação memorável, bem como uma significação da comunidade como um todo.

A memória ocupa lugar no espaço, cria vínculo que une o espaço privado ao espaço público. Nesse sentido, os domínios da rua se diferenciam dos domínios da cozinha. Na rua, se faz o empadão, no estabelecimento

da esquina, no mercado, no posto da “Patricinha”, na praça. Na cozinha, se faz o empadão, no fogão de barro construído peic seu Francisco ou pelo seu Du, se faz no tacho de cobre da vovó, com a colher de pau feita pelo “negão”, se faz com o mesmo carinho e dedicação da avó que personalizava os seus empadões, se faz com a panela de ferro herdada pela mãe, se faz a massa na mesma mesa secular fabricada por seu pai, se guarda a farinha de trigo na prateleira da mãe. Entretanto, o domínio privado se abre para o público. É na cozinha que se trocam receitas, é na cozinha que acontecem as reuniões, é nesse espaço que a neta aprende com a avó, com a mãe e assim sucessivamente, pois é através desse espaço que a vizinhança fica sabendo quem melhor faz o empadão.

O estudo sobre memória, neste trabalho, remete-se às seguintes conclusões: – primeiro, que a memória coletiva pode ser vista como um agregado de memórias individuais em que a peculiaridade pessoal decorre do lugar que o intérprete ocupa na sociedade – como seu “lugar de fala”. Lembranças individuais são registradas na “consciência coletiva” ou na “memória coletiva”, à medida que o registro é compartilhado por uma “comunidade de memória”, segundo, quando se fala de memória, fala-se de coisas distintas sob um mesmo rótulo. O que o pesquisador ouve não são memórias, mas narrativas e narrativas são sempre estruturadas. A memória dá presença ao passado para dar significado ao presente. Toda memória é construída. Ademais, o esboço teórico acima nos possibilita, portanto, perceber como as noções de tradição, memória e identidade se interrelacionam. E mais: “se memória é um discurso, este se dá num espaço específico. Esses espaços possibilitam memórias distintas” (Woortmann, 1998, p.106).

ABSTRACT

PÉCLAT, Gláucia Thais da Silva Campos. *Memory: perspective theoretical on the Empadão of Goiás. Temporis(Ação)*; Goiás, v.1, n.7, Jan/Dez. 2003

This article is based on research I carried out in the City of Goiás, the former capital of the State of Goiás. My intention is to examine the theoretical reading on the empadão – patty: big,

round, flattened cake of ground or chopped food-, while it is seen as a product of local memory. Besides, one of the aims of this work is to do a reflection that to possibilit understand how the empadão to combine memory and tradition of the relation among past/present.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- CONWAY, Martins. O Inventário da Experiência: memória e identidade. In: PÁEZ, D. VALENCIA, J.F., PENNBAKER, J.W., RIMÉ, B. & JODELET, D. (eds). *Memórias Colectivas de Processos Culturales y Políticos*. Bilbao: Universidad del Pais Vasco, 1998.
- CONNERTON, Paul. *Como as sociedades se recordam*. 2 ed. São Paulo: Celta, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- PIETRAFESA DE GODOI, E. O Sistema do lugar: história, território e memória no sertão. In: Niemeyer, A.M. & Pietrafesa de Godoi, E.: *Além dos territórios*. Campinas: Mercado Letras, 1998.
- POLLAK, M. *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992. vol. 5 a 10.
- PORTO, Liliana de Mendonça. *A reapropriação da tradição a partir do presente: um estudo sobre a festa de N. Sra. do Rosário de Chapada do Norte/MG*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.
- WOORTMANN, Ellen F. Homens de hoje, mulheres de ontem – gênero e memória no seringal. In: Freitas, C. (org.). *Anais do I Seminário e da II Semana de Antropologia da UCG*. Goiânia: editora da UCG, 1998.